

## ESTUDOS DA EDUCOMUNICAÇÃO NO IX SIMPÓSIO ABCIBER E AÇÕES DE INCLUSÃO SOCIAL: EVOLUÇÕES DA DIDÁTICA E PRÁTICAS NO DIGITAL<sup>1</sup>

Decio Ferreira Forni<sup>2</sup>; Patrícia Carvalho Matias<sup>3\*</sup>; Tiago Lenartovicz<sup>4</sup>

### Resumo

O objeto deste artigo são ações pesquisadas, ou em curso, produzidas por pesquisadores (as) nacionais, expostas durante o IX Simpósio Abciber, sob mesa coordenada no painel temático 40 – tecnologias digitais, cidadania e inclusão social - , cujo foco foi a Educomunicação e de como suas práticas podem levar alunos dos níveis elementar ao superior a uma maior inclusão ou participação social. O artigo parte de um panorama evolutivo da didática, considerando os estudos de Libâneo, avançando até chegar ao movimento da Educomunicação, explicada por Ismar de Oliveira, com o lançamento do curso e revista na USP, até discorrer sobre as preocupações atuais e as novas gerações, abordadas por Morin e Barbero, que levaram aos projetos em educação digital, descritos como uma compilação das falas no simpósio.

**Palavras-chave:** Educomunicação; Didática; Educação Digital; Inclusão Social.

O tema de práticas pedagógicas implica em avaliar metodologias que o ensino pode lançar mão para conseguir os melhores resultados junto a alunos, no processo de educação de um modo geral e, poderia se dizer, no âmbito das escolas em particular, como locais privilegiados, voltados especificamente para formação de jovens.

Os modos de ensinar acompanham a humanidade desde as sociedades mais antigas, em que prevaleciam a oratória e a escrita como principais meios, amplamente utilizadas pelos filósofos na Grécia, Atenas e posteriormente na Roma antiga, visando difundir em suas “academias”, ensinamentos das ciências naturais e humanas.

---

1. Artigo apresentado como resultado do Painel Temático 40 – Tecnologias digitais, cidadania e inclusão social, sob mesa coordenada do Prof. Decio Ferreira Forni, no IX Simpósio Nacional da ABCiber.

2. Pesquisador é professor da Faculdade Paulus de Comunicação (Fapcom). É Doutor em Comunicação pela PUC/SP em Comunicação e Semiótica. E-mail: decio.forni@fapcom.edu.br

3. Pesquisadora é professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e participa do Grupo de Pesquisa PROI-Digital. \* Foi mestranda na UFPE, orientada pela Profa. Dra. Maria Auxiliadora Soares Padilha (co-autora aqui). Foi ainda co-autora a pesquisadora Josivânia Maria Alves de Freitas. E-mail: cediretoria@ufpe.br

4. Pesquisador é professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM). É mestre em Letras pela Universidade do Maringá (UEM). E-mail: tiagolena@gmail.com

Posteriormente, na era medieval, acresceu-se a isto o advento dos primeiros livros, servindo como base importante de mediação entre quem ensinava e quem recebia a informação. Porém, ainda não estavam difundidas, de modo amplo, a impressão em escala e as metodologias que facilitassem o uso, atingindo a todos.

Dessa forma, quando no mundo moderno tal aperfeiçoamento ocorreu, em conjunto com a habilidade prévia da oratória, além da estruturação formal de escolas e centros de formação para todos, deu-se forma a algumas das práticas pedagógicas mais clássicas que possuímos hoje, que preveem um planejamento escrito, um profissional que explica oralmente e a avaliação do aluno.

O tema se coliga à Didática, ou o modo como uma estratégia de educação é planejada para conseguir obter da melhor forma a atenção de alunos para as práticas a serem ensinadas. Desta forma, como um elemento central nas práticas pedagógicas, serão abordados aqui seus diferentes aspectos, encaminhando até o momento atual, em que a chamada Educomunicação está sendo utilizada aos poucos nas salas de aula.

É uma das práticas pedagógicas a que se pode lançar mão para criar competências e habilidades no mundo atual. Vale ressaltar que a Didática faz parte dos assuntos da pesquisa em Pedagogia, a área específica que está voltada aos estudos da educação. Nas palavras de autor da área:

[...] a Didática **se caracteriza como a mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente**. [...] A teoria pedagógica orienta a ação educativa escolar mediante objetivos, conteúdos e tarefas de formação cultural e científica; por sua vez, ação educativa somente pode realizar-se pela atividade prática do professor, de modo que as situações didáticas concretas requerem o ‘como’ da intervenção pedagógica. (LIBÂNEO, 2012, grifos nossos).

Como parte da teoria do ensino, deve ser compreendido seu histórico, as origens, escolas importantes, aspectos relevantes das diferentes visões, que possibilitem linhas comparativas de metodologias que possam ter melhores efeitos agora do que outrora, conduzindo ao tema específico que é foco deste trabalho, a área de comunicação (ligados às mídias impressas, eletrônicas e digitais) e a educação. A razão para tal interesse é o de um aluno cada vez mais “midiático”, porém que não está totalmente preparado para consumir e produzir tantos dados, de forma crítica e equilibrada.

## Origens e conceitos de Didática

De um modo geral, as práticas pedagógicas foram evoluindo de escolas mais conteúdistas para (entre outras linhas) construtivistas, que por mudanças históricas, sociais, políticas, levaram teóricos da área de pedagogia e a própria sociedade a perceberem que aprender não se trata somente de repassar informações, mas sim de um processo de troca, em que os dois lados constroem conjuntamente o saber.

A educação, desta forma, é um fenômeno social, como assinala autores da área, e as mudanças de mundo são absorvidas e impactam como pano de fundo quem trata de formar parte importante do conhecimento das pessoas na sociedade. Ainda que um certo senso comum queira conduzir a educação como repositório de conteúdos, os aspectos de crítica ao entorno, da preocupação social e do bem estar são vitais no fazer pedagógico.

Traçando um aspecto histórico do como ensinar, Libâneo (2012) cita as seguintes referências históricas:

- No século XVII **Comênio**, um pastor protestante, escreve a primeira obra clássica sobre Didática, a *Didacta Magna*. Ele foi o primeiro educador a formular a idéia da difusão dos conhecimentos a todos e criar princípios e regras do ensino. Alguns de seus princípios foram: A finalidade da educação é conduzir à felicidade eterna com Deus; Por ser parte da natureza, o homem deve ser educado de acordo com seu desenvolvimento natural; A assimilação dos conhecimentos não se dá instantaneamente, no ensino tem um papel decisivo a percepção sensorial das coisas; Primeiramente as coisas, depois as palavras, partindo do conhecido para o desconhecido;
- Jean Jacques **Rosseau** (1712 -1778) foi um pensador que procurou por sua vez interpretar as aspirações de que o receptor do ensino também deve interagir, contemplando o livre desenvolvimento de suas capacidades individuais; As idéias importantes dele são as seguintes: A preparação da crianças para a vida futura deve basear-se no estudo das coisas que correspondem às suas necessidades e interesses atuais. Antes de ensinar as ciências, elas precisam ser levadas a gostar do estudo. A educação é um processo natural, ela se fundamenta no desenvolvimento interno do aluno [...] as crianças são boas por natureza, têm uma tendência natural para se desenvolverem;
- Rosseau não elaborou uma teoria do ensino, esta tarefa coube ao pedagogo suíço **Henrique Pestalozzi** (1746-1827). Ele atribuía grande importância ao método intuitivo, levando os alunos a desenvolverem o senso de observação. Nisto consistia a educação intelectual;

- As ideias destes 3 autores influenciaram outro importante pensador, **Johann Herbat** (1766-1841), pedagogo alemão que teve muitos discípulos e que exerceu influência relevante na Didática e na prática docente. Segundo ele, o fim da educação é a moralidade, atingida através da instrução educativa. Herbat foi considerado de linha conservadora, elaborou uma metodologia ordenada em cinco passos: preparação, apresentação, assimilação, generalização e aplicação, fórmula esta que ainda é utilizada por muitos de nossos professores;

As ideias destes 4 pensadores formaram as bases do pensamento pedagógico europeu, difundindo-se depois para todo o mundo, demarcando as concepções pedagógicas que hoje são conhecidas como Pedagogia Tradicional e Pedagogia Renovada. Em uma prepondera a ação de agentes externos, o primado do objeto de conhecimento, já, na outra, destaca-se o ser humano e suas aptidões.

Como ainda acentua Libâneo (2012) acerca das linhas pedagógicas:

Dentro do movimento escolanovista, desenvolveu-se nos Estados Unidos com John Dewey (1859-1952) a linha pragmática ou progressivista. **As ideias dele influenciaram no Brasil Anysio Texeira e formou-se aqui nos anos 30 o movimento dos pioneiros da escola nova aqui, que foi decisiva na formulação da política educacional e na prática escolar.** Em linhas gerais, eles advogavam a educação não pela instrução, mas pela ação. O movimento escolanovista no Brasil desdobrou-se em várias correntes, como a vitalista de Montessori, as cognitivistas e especialmente a interacionista, baseada na psicologia genética de Piaget. (grifos nossos).

No Brasil, nos últimos anos, diversos estudos têm sido dedicados à história da Didática. Os autores, em geral, classificam as tendências em dois grandes grupos: as de cunho liberal – Pedagogia Tradicional, Pedagogia Renovada e tecnicismo educacional; e as de cunho progressista – Pedagogia Libertadora e Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos.

Segundo Castro (apud LIBÂNEO, 2012), os conhecimentos e a experiência brasileira pautam-se em boa parte no movimento da Escola Nova, que compreende a chamada Pedagogia Ativa. Nesta há uma “direção de aprendizagem”, em que o professor coloca o aluno em condições propícias para que, partindo de suas necessidades e estimulando seus interesses, possa buscar por si mesmo conhecimentos e experiências.

Ou seja, há uma tendência nestes tempos atuais das Práticas pedagógicas de cunho progressista, que busque trazer para o dia a dia da sala uma maior interação do aluno, bem

como uma visão social e crítica do mesmo, ao invés de somente prepará-lo para um papel passivo. Papel antigo discutido a seguir.

### **Visão Brasil do modelo escolar – Origens e reflexos**

A respeito da crise escolar e a queda de seus mitos fundadores, livros como “Educação – o uno e o múltiplo”, da Universidade Duque de Caxias (2009), propõem discutir, através de artigos de vários pesquisadores em nível nacional que, ao mesmo tempo em que se busca manter uma unidade em que se reflita o que é educação no Brasil, percebe-se uma multiplicidade de novos caminhos a seguir.

Em um dos capítulos, a co-autora Nilda Stecanela explica que o modelo atual “escolocêntrico” vem mudando e que é fruto de uma visão de mundo mecanicista que fazia mais sentido em uma sociedade rígida e industrial. A este respeito, no Brasil, vivemos de avanços e de regressos, um deles foi a maior inclusão de jovens no ensino pelas leis da área, porém em um modelo antigo.

Já segundo as autoras do livro:

A ‘escola das certezas’, inserida no contexto histórico europeu da primeira metade do século XX, conseguiu funcionar como uma instituição porque atuava a partir de um conjunto de valores estáveis para “fabricar” cidadãos conforme um modelo cívico preestabelecido. Tinha um caráter fortemente elitista, sem compromissos com a produção das injustiças sociais. (SANTOS; ALMEIDA, 2009).

Reportando-se à história da vida privada, explicam ainda que:

[...] nos moldes como é conhecida hoje, a escola resulta do surgimento da infância, de acordo com moralistas do século XVII. O sentimento de infância, segundo Àries, opunha-se a uma compreensão que transitava quase à indiferença à criança<sup>5</sup>.

Desta forma, colocam, junto a diversos outros autores, que uma das alternativas para esta crise é a reinvenção da escola. As autoras dizem que se observam muitas tendências de alteração, saindo do eixo do “como ensinar”, para se debruçar no “como o sujeito aprende”. Porém, apesar da boa vontade de mudar, estas ações não alteram muito o modelo escolar.

---

5. (Ibid., 2009).

Deveriam, por sua vez, oportunizar aos alunos a integração e o estabelecimento entre suas relações escolares e todas as suas outras relações de vida, uma vez que é isto que lhes permite a construção de sentidos. Diante disto, o “escolocentrismo” justificaria a quase imobilidade da escola frente aos paradigmas atuais.

Com base nestes referenciais, talvez possa ser possível encontrar indícios de superação da hegemonia da forma escolar, transitando pelos processos educativos não escolares. Outro autor diz (CANÁRIO, 2006 apud, SANTOS; ALMEIDA 2006) que “superar a forma escolar significa centrar o conhecimento em processo de pesquisa”. Veremos uma forma a seguir.

### **A educomunicação como proposta de prática pedagógica atual**

Considerando os alunos que nasceram imersos às novas tecnologias, mas que por sua vez não compreendem os melhores processos para tomar boas decisões no cenário dos conteúdos trazidos pelas novas comunicações, bem como equilíbrio adequado no uso destas no seu dia a dia, dentre outros fatores com os quais a educação tem que lidar hoje em dia, é que surgiram as práticas da chamada Educomunicação.

O professor da Eca, Ismar de Oliveira (2011), propõe que a relação da educomunicação com a escola seja pensada em três âmbitos distintos, superando visões reducionistas de simplesmente contrapor/aliar educação e mídias, mas, sim:

- a) No âmbito da gestão escolar, convidando a escola a identificar e a rever as práticas comunicativas;
- b) No âmbito disciplinar, sugerindo que a comunicação, enquanto linguagem, processo e produto cultural se transforme em conteúdo disciplinar (*media literacy*);
- c) No âmbito transdisciplinar, propondo que os educandos **se apoderem** das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação para desenhar estratégias de projetos educacionais.

A respeito destas novas técnicas os principais autores da área têm discutido grandes oportunidades para o ensino médio, criticando que o sistema atual prioriza conhecimentos cobrados previamente pelo Enem que já não refletem mais em boa parte as mudanças atuais e,

portanto, a gestão da reforma do Ensino Médio precisa pensar, urgentemente, nas relações entre o mundo da educação e o mundo da mídia.

Compreender a construção dos discursos da mídia assim, conforme diz Adílson Citelli, “é a tarefa da qual os diferentes sistemas de ensino não podem se furtar, pois estamos diante de uma nova realidade, qual seja, a existência de novos modos de se operar o conhecimento e a informação (CITELLI, 2011 apud SOARES, 2011)”.

Estes apontamentos acima surgiram das primeiras iniciativas da área, como a licenciatura em educomunicação da USP, sua primeira revista da área, a Comunicação & Educação, citados no livro de 2011 de Ismar de Oliveira. Já agora, em 2014, em outro livro denominado *Educomunicação, para além do 2.0*, Aparici reuniu pensadores do Brasil e do mundo para discorrer sobre o tema. Um histórico de 20 anos e global, que mostra o *boom* do tema.

Neste novo livro, surgiram temáticas diversas, que discutiam desde a melhor utilização dos alunos de jornais do cotidiano, discutindo-os e avaliando seus conteúdos, até construção de jornais e outros veículos por alunos, uso do rádio e criação (com o mesmo) em iniciativas escolares, vídeos a partir de pautas definidas pelos alunos, bem como agora, nas novas mídias, amplo uso das mídias sociais, móveis e novos roteiros para videogames, entre outras formas, empoderando-os (como grifado no ítem c, acima) na geração de conhecimento.

Citando o educador francês Freinet, o co-autor Mário Kaplun (2014) escreveu, em um dos capítulos, que “gerar emissores ativos contribui, ao mesmo tempo, para formar receptores críticos”. Isto porque, hoje, caminhamos para um olhar mais complexo do que é educar, que antes era local e agora exige visão da interconexão, em razão das tecnologias da comunicação.

A respeito da educação que privilegie uma visão planetária das questões, Morin (2003) explica que podemos já ter construído e estarmos vivendo em um conceito de uma “sociedade-mundo”, que vem desde o homo sapiens, das sociedades arcaicas às eras agrárias, chegou na idade do ferro, que perpassou as revoluções industriais e agora trouxe condições estruturais, inclusive com guerras diversas, para uma sociedade planetária, graças ao “vertiginoso desenvolvimento de tecnologias de comunicação”.

Desta forma, temos desafios maiores e assinala sobre a educação nesta era:

A missão da educação na era planetária é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária. (MORIN, 2003, p. 98).

O autor sugere uma educação que atue com pensamento não fragmentado, que interligue áreas do conhecimento e que também respeite culturas e pensamentos diversos. Inclusive, assim como Martín-Barbero o fará mais à frente, citando Paulo Freire, critica duramente a visão de que as culturas orais são pobres e não trazem forte carga cultural. Assim como a visão de Apel, de uma macroética solidária, vem sendo reforçada por autores, quando entende-se a necessidade de visão global. Desta forma, critica a educação atual, explicando:

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, desunida, reducionista da gestão política unidimensional destrói o mundo complexo em fragmentos desunidos, fraciona os problemas [...] É uma inteligência ao mesmo tempo míope, amiúde termina sendo cega<sup>6</sup>.

A respeito da pedagogia, dentre outras discussões acerca dos modelos atuais e novas formas de repensar o ensino, as relações aluno-escola e visões autoritárias que parecem cada vez mais conflitar com a intersecção entre um saber oficial e não-oficial, ressurgem as preocupações trazidas por Paulo Freire, em um processo que via o ensinar como uma ação de intermediação, não de regulação. Em seu livro “A comunicação na educação”, Martín-Barbero (2014) propõe este olhar e começa revisitando a obra de Freire, com quebras de paradigmas importantes, que subvertem o culto e o inculto e toda a tradição livresca ocidental.

Não se trata de questionar a importância dos livros, nem de tudo que representa como forma de cultura, mas compreender primeiramente o embate de um saber que foi moldado para não ser inclusivo e outros que se permitem conhecer o que está além de um “formato” que pareceu visar, ao longo de séculos, uma estrutura rígida que para muitos é inacessível, ainda que carreguem interiormente diversos saberes. A respeito da visão de educação de um modo geral e a desconstrução de um mundo a partir da linguagem, Barbero (2014) evoca alguns questionamentos de Freire, como o seguinte:

---

6. (Ibid., 2003. p. 108).

Freire propõe uma visão radical do que é um analfabeto, frente à resposta dos manuais, propõe de que é ‘o homem impedido de dizer sua palavra’. E a alfabetização será, então, a práxis educativa que devolve aos homens seu direito de dizer o que vivem e sonham, de ser tanto testemunhas como atores de sua vida e de seu mundo. Deixando de ser uma simples falta de instrução, o analfabetismo revela-se como consequência estrutural de um sistema injusto que exclui as maiorias do espaço cultural. (FREIRE apud BARBERO, 2014, p. 38).

Como resgata ainda deste processo não inclusivo, Barbero relembra naquele autor que: “ninguém educa ninguém, nem ninguém educa a si mesmo, **os homens se educam em comum, mediados pelo mundo**”, trazendo à tona, no momento da comunicação “tecnológica” atual, o olhar por vezes excludente que fazemos do universo daqueles que já nasceram educados pelo olhar das novas mídias e que exigem reflexões muito maiores para se perceber novos ângulos da situação. Ele exemplifica:

Se por um lado, o dualismo metafísico serve de consolo aos adultos, por outro lado, diz bem pouco às gerações mais jovens, que, imersas desde crianças na cultura, subcultura ou, para alguns, incultura audiovisual, vivem como própria não a experiência excludente e intensamente maniqueísta dos adultos, mas sim outra: a do deslocamento das demarcações e fronteiras entre razão e imaginação, ciência e arte, natureza e artifício, a hibridização cultural entre a tradição e a modernidade, entre o culto, o popular e o massivo. Olhando desse ponto de vista, o que se ganha não é o otimismo, mas a obscura certeza de que a crise do livro e da leitura remete a um âmbito mais amplo de mudança cultural, que conecta a novas formas do saber [...] e da sociabilidade<sup>7</sup>.

Baseado nas reflexões ainda de importantes pensadores da filosofia, sociologia e também a partir de um contexto local/global, que inclusive envolveu pesquisas de campo sobre este novo contexto dos jovens, propõe que “cortar o arame farpado dos territórios e disciplinas, dos tempos e discursos, é a condição para compartilhar, e fecundar mutuamente, todos os saberes”.

Baseado nestas discussões do interdisciplinar e de novas plataformas, no nível superior desenvolvemos alguns projetos, que a partir de algumas disciplinas do curso de publici-

---

7. Ibid., 2014, p. 57-58.

dade, na Faculdade Paulus de comunicação (Fapcom), levaram há algum tempo alunos a desenvolverem trabalhos com foco no digital e preocupados com cidadania, abaixo dois exemplos, que se citam a disciplina e os projetos:

- a) Disciplina Empresas de comunicação – Projetos criativos, inovadores e solidários. Visando desenvolver o senso empreendedor nos alunos, os pedidos foram para criação de novos negócios na área de comunicação. Direcionamos para novos paradigmas de nichos de mercados que exigem novos olhares. Porém, além do esperado, reflexões foram trazidas, criando negócios que cruzam o social e o econômico:

**PROJETO: Revista para comunidades locais – Comunis:**

Proposta de uma revista que atenderá comunidades de bairro em São Paulo, com uma visão comunitária, com conteúdos locais, atendendo anseios e necessidades de regiões que não tem pouco tipo de comunicação estruturada. Destaca-se a criação de uma logomarca diferenciada, de proposta do grupo de como funcionaria editoria e divulgação, bem como um modelo de negócios interessante, que não tem como foco somente a sobrevivência da empresa, mas um retorno social aos envolvidos.

**PROJETO: Aplicativo de geolocalização para deficientes físicos – Dá pé:**

Ideia criativa que pensou no uso dos celulares para que usuários com alguma deficiência pudessem rapidamente localizar locais públicos em São Paulo, que estivessem aptos a receber pessoas com dificuldades motoras de modo geral. O modelo de negócios pensou sobre a sustentabilidade financeira baseada em anunciantes, assinatura dos usuários, porém, pensou inclusive em situações em que as pessoas podem estar momentaneamente com alguma dificuldade de locomoção. Mesclaram o inclusivo, tecnologia e uma visão que sugeriria alta viabilidade de projeto.

Desta forma, compreendendo talvez uma nova geração com novas formas cognitivas, porém ainda com necessidade da mediação de educadores para trabalhar o digital, foram expostos projetos no IX Simpósio Abciber (2016) a respeito da educação digital e cidadania,

descritos a seguir de forma concisa, a partir das anotações da mesa, que foram posteriormente discutidos pelos presentes.

## Trabalhos apresentados na Abciber – Educação Digital para a transformação

O primeiro a se apresentar foi o professor Tiago Lenartovicz, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob o tema: “Educomunicação e construção de saberes: oficinas realizadas com crianças em situação de vulnerabilidade social”.

O professor explicou que o projeto tratava de oficinas que estão contempladas sob o programa de disciplinas do curso de comunicação e multimeios, do qual faz parte. Chamou a atenção para a falta de importância quanto ao ensino fundamental e básico, que além de tudo precisa agora estar enquadrado em uma nova realidade de meios tecnológicos.

Em um panorama geral, expôs a oficina, feita por orientandos, em parceria com colégio público, na qual foram ensinados fundamentos de montagem de blogs ou canais de produção digital próprias, com temáticas em torno da participação dos alunos na sociedade. Citou as preocupações de não se tornarem cidadãos passivos, indagando “o que é hoje inclusão”? Ressaltou que a vulnerabilidade social passa por educar para e pelos meios.

Figura 1 – Blog desenvolvido de uma das oficinas desenvolvidas com alunos.



Fonte: <https://isisbrudercmm.wordpress.com/blog/>, 2017.

Foram citados alguns autores, dentre os quais Martin Barbero e Morin, a respeito da complexidade da educação hoje, que migra para uma educomunicação e o foco em

respeitarem-se os saberes também dos alunos, que hoje também se comunicam de forma diferente. Todos elogiaram o projeto do Prof. Tiago, tendo recebido perguntas das professoras da UFPE, que também atuam no tema e indagaram a respeito.

O segundo tema apresentado foi sobre o tema: “Metodologias ativas contempladas nas oficinas de blog e twitter no proidigit@-UFPE”, com três pesquisadoras da instituição.

A orientanda da Profa Maria Auxiliadora, Profa. Patrícia Carvalho Matias, expôs inicialmente a visão do projeto, que ocorre dentro do programa de educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com interface em escolas, como ocorreu no primeiro caso.

Explicou que as oficinas tiveram dois eixos, um sobre Educação e Tecnologias e outro em Metodologias Ativas, compreendendo a importância de se criarem cidadãos. A partir destes estudantes do ensino fundamental e médio, que percebem como é ser um autor, começa a se tornar um agente de transformação, a partir da comunicação.

A professora expôs que ocorreram duas oficinas, sendo uma de Twitter, focada em microcontos, no qual os alunos e alunas desenvolveram textos próprios ou baseados em alguma reflexão literária local ou global, publicando em sequência. Foram escolhidos os melhores, bem como discutidos todos os demais, para aprendizagem geral com o processo.

Já na segunda oficina, através de blogs, discutiu-se o enfoque crítico dos alunos a respeito de algo na cidade, sob o nome Criticidade. Alunos abordaram questões que lhes incomodavam ou agradavam, construíram os conteúdos, com textos, fotos, vídeos e publicaram no mesmo. Foi citada a noção do consumidor-produtor de informações atual.

Figura 2 - Capa de abertura do Blog Proi-Digit@l



Fonte: <http://proi-blog.blogspot.com.br/2011/08/nossas-expectativas-sobre-o-proidigital.html>, 2017.

A Profa Maria Auxiliadora Soares Padilha, orientadora, aproveitou para complementar o exposto (feita com imagens e exemplos) para reforçar o foco em Transformação, que passa por saber aprender, ter as tecnologias e saber compartilhar, questões hoje ligadas à Educomunicação. Explicou as preocupações do PROI-Digital, da UFPE, que tem um blog.

Como reflexões finais deste projeto, foi citada a visão de “sair do papel de reprodução para o de produção”, deixando de ser um refém do poder estabelecido. Também acompanhou a exposição com algumas indagações e observações a pesquisadora Josivânia Maria Alves de Feitas, que também participa do projeto e compunha o grupo presente.

O grupo abriu para considerações finais. Parabenizei ambos os projetos, citei que a Fapcom, na qual leciono, tem um programa junto a uma escola pública estadual próxima, em que são feitas oficinas, bem como há uma integração entre alguns professores e as atividades. Um exemplo é um jornal publicado de forma profissional pela editora Paulus, escrita pelos alunos e mediada por professores, com foco no digital.

### **Considerações Finais**

A evolução na área da didática vem demonstrando a preocupação com novas formas de ensinar que se iniciaram com modelos mais conservadores e que, na metade do século passado para cá, em especial, ganharam pensadores que propuseram um olhar de maior participação dos alunos, diminuindo a visão da educação passiva ainda dominante.

O artigo propôs inicialmente discorrer sobre esta mudança de cenário, fazendo um rápido panorama da pedagogia, discutida por autores da área e com reflexões de outros setores que atualmente trazem a preocupação com as novas gerações e tecnologias: como ensinar a nova geração, usar novas plataformas e integrar discussões cidadãs ?

Estes temas foram expostos no IX Simpósio Abciber e foram descritos na última parte deste estudo, expondo ações de compartilhamento entre universidades e escolas, bem como projetos também na academia, que procuram direcionar para produtos da chamada educomunicação, em que trabalhos geram produtos midiáticos e produção de conteúdos de alunos, os quais entendem ter um papel não mais passivo e sim de reflexão na sociedade.

São novas fronteiras que ainda estão sendo desbravadas, este artigo teve o objetivo de contribuir para esta discussão, através de pesquisas expostas ou projetos em andamento.

## **Bibliografia**

APARICI, Roberto. **Educomunicação**. Para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.

APEL, K. **Estudos da Moral Moderna**. Petrópolis: Vozes, 1996

BARBERO, J.M. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia Del oprimido**. Montevideo: Tierranueva, 1967.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2012.

MORIN, Edgar. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo : Brasília: Cortez : Unesco, 2003.

REVISTA **Comunicação & Educação**. Ano 12, n.2. São Paulo: Eca-Usp, Maio/Ago, 2007.

REVISTA **Comunicação & Educação**. Ano 16, n.1. São Paulo: Eca-Usp, Jan/Jun, 2011.

SANTOS, Carla Sotero; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Educação**. O uno e o múltiplo. Santa Catarina: Educus, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**. O conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

---